



## **Wara de Agroecologia do povo Satere-Mawe**

Antonieta de Oliveira Michiles; Miriam de Alencar Pereira, Jozimar Almeida dos Santos; Inácio Cristino da Silva; Sigliane Michiles Guimarães; Josimar Alencar dos Santos; Edinaldo Pereira Michiles; Edvaldo Constandio da Silva, Marcirio Romualdo Michiles.

### **Apresentação**

Essa experiência foi protagonizada pelos estudantes do CURSO TÉCNICO EM AGROECOLOGIA DE NÍVEL MÉDIO NA FORMA INTEGRADA, MODALIDADE EJA/PROEJA INDÍGENA/ SATERÉ-MAWÉ, BAIXO MARAU, seus familiares além de professores do INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS *campus* MAUÉS e demais colaboradores (SEMED; Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável da Amazonia – IDESAM e Slow Food Internacional)

### **Contextualização da experiência**

O Curso Técnico em Agroecologia teve início em 2018 e vem sendo desenvolvido através do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas *campus* Maués na Terra Indígena (TI) Andirá-Marau, região do Baixo Marau, no Município de Maués (AM). A Terra Indígena Andirá-Marau (Decreto 93.069 de 1986) abrange uma área de 788.528 hectares de usufruto exclusivo da etnia *Satere Mawe*, com aproximadamente 17.000 pessoas (SESAI 2016) distribuídas em 107 aldeias na Terra Indígena (CPSM, 2010).

Foi o povo *Satere-Mawe* que descobriu e criou as bases técnicas tradicionais de uso, cultivo e beneficiamento do *Warana*, nome do qual deriva a palavra, em português, Guaraná (*Paullinia cupana* variedade *sorbilis*). Na cultura do povo o *Warana* contém o princípio espiritual do *Wara*, ou seja, “o ponto de início de todo o conhecimento”. Além da cultura do *Warana*, a realidade da agricultura indígena da região está na produção de farinha de mandioca, produção de macaxeira, cará, banana, abacaxi, a caça e a pesca destinados para o consumo da família e em parte para as relações de troca e comercialização com a população não indígena do entorno.

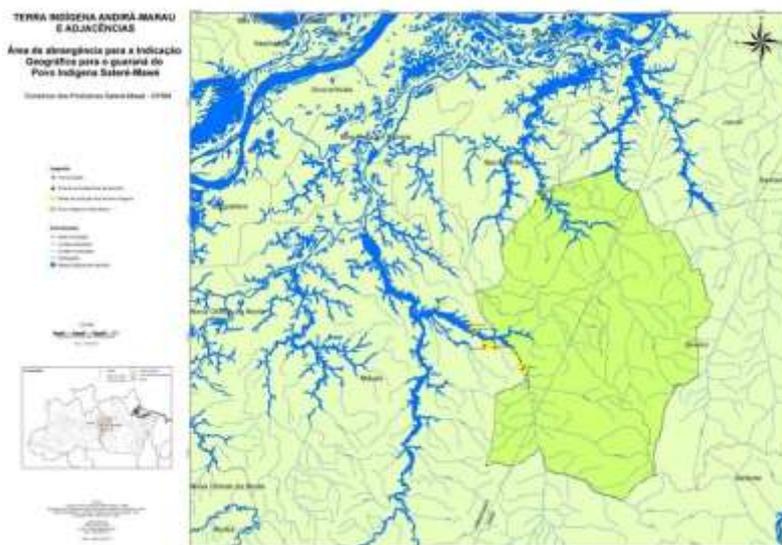
A população humana está dispersa pelo imenso território, com aproximadamente 52 habitantes por hectare. A maioria do povo reside na TI e, embora a mobilidade espacial dos *Satere Mawe* no interior da área indígena seja antiga, o aumento populacional tem provocado de forma recente o redirecionamento parcial para as áreas urbanas. As causas desses deslocamentos são diversas, sendo comuns: a busca por escolarização e o esgotamento de recursos necessários à sobrevivência familiar. Essa última vem promovendo o agravamento das condições de vida em áreas urbanas provocando grave ruptura com as raízes culturais do povo.



A criação do Curso Técnico em Agroecologia de nível médio na forma integrada, modalidade EJA/PROEJA Indígena/Sateré-Mawé/Baixo-Marau partiu da demanda do próprio povo, e a proposta insere-se no contexto de inclusão e acesso a um ensino contextualizado, amparado em uma perspectiva intercultural de construção de saberes, corroborando com o anseio dos jovens *Satere-Mawe* em realizar seus estudos dentro do território, motivados para as discussões sobre o contexto da produção agroecológica e os desafios atuais de manutenção do povo no território no que tange a segurança e soberania alimentar com respeito à sua cultura.

### Desenvolvimento da experiência

O Instituto Federal do Amazonas – IFAM *campus* Maués realizou o primeiro contato com o povo *Satere Mawe* no ano de 2012 e desde então veio promovendo um amplo debate para a construção da proposta de um curso médio e técnico presencial do IFAM dentro da TI. Com o amadurecimento os diálogos, em 2013 a liderança da Aldeia Ilha Michiles, *Tui'sa* Josibias Alencar dos Santos, protocolou um requerimento com a demanda de criação de um curso técnico em Agroecologia que deveria atender às expectativas de uma educação diferenciada para o povo. O curso teve início em 2018 e, após processo de seleção específico, ingressaram 39 estudantes da etnia *Satere-Mawe*, sendo 17 mulheres e 22 homens com idade entre 15 e 56 anos, residentes em 7 comunidades do Baixo Marau, distribuídas entre o Rio Marau e Rio Urupadi (Figura 01).



**Figura 1.** TI Andirá-Marau. Fonte: Consorcio dos Produtores *Satere-Mawe*, 2016.

Desde então, a realização das atividades escolares vem acontecendo em tempos e espaços alternados, conforme metodologia da Educação do Campo, o que significa que o tempo/espaço regular acontece parte na escola Polo e parte no local de moradia dos estudantes. O tempo escola é realizado na Comunidade Polo Ilha Michiles e tem duração de 5 dias a cada mês. O tempo comunidade abrange os demais dias do mês



e é composto pelo espaço das casas, das comunidades, dos roçados, das florestas, das águas, promovendo o diálogo entre o conhecimento tradicional indígena e os conteúdos escolares via tema gerador. Cada família é corresponsáveis pelo aprendizado do jovem e participa dos projetos integradores.

A agroecologia tem forte relação com a vida do *Satere-Mawe*, uma vez que o povo tem um vasto conhecimento das espécies que fazem parte do seu ambiente, seus comportamentos e utilidades, além de aspectos relacionados ao modo como os seres do universo interagem.

## **Desafios**

Tradicionalmente, o povo *Satere Mawe* obtinha grande parte do alimento com agroextrativismo e sistema de plantio seguido do corte e queima, porém com o aumento populacional e maior pressão sobre os recursos naturais, esta prática vem apresentando limites para garantir uma alimentação nutricionalmente equilibrada para a maioria da população. O tempo de pousio também vem sendo reduzido obrigando o povo a construir novas roças em áreas muito distantes das margens e/ou das habitações. A redução de caça e pesca, o esgotamento das reservas naturais de alimento, também vem obrigando as famílias a gradativamente aumentar a dependência por alimentos industrializados piorando muito as condições de vida e de saúde do povo.

Esse panorama motivou o povo para a construção da proposta desse curso, pois a Agroecologia pode nos ajudar a encontrar um novo diálogo entre agricultura e natureza, pois nos desafia a dialogar com a realidade, respeitar os diferentes saberes e práticas sem perder de vista a complexa biodiversidade dos ecossistemas locais que sustentaram o povo *Satere-Mawe* ao longo de gerações.

## **Principais resultados alcançados**

Através de projetos integradores os estudantes são motivados para transformar o espaço familiar, comunitário e o território Indígena, através das trocas de conhecimentos sobre o manejo agroflorestal e da criação de frango caipira para fortalecer a segurança e soberania alimentar e nutricional do povo *Satere-Mawe*.

O projeto do Sistema Agroflorestal Biodiverso foi implantado a partir do puxirum dos jovens *Satere-Mawe* em três áreas em um total de 5.850 m<sup>2</sup> com 38 espécies de variedades locais de macaxeira, abacaxi, melancia, maxixe, cará, tajá, feijão, milho e o guaraná. O planejamento e a implantação das áreas levou em consideração a reflexão sobre a observação dos aspectos naturais da floresta em suas diferentes estruturas e dinâmicas, o sistema tradicional de corte e queima da mata ou capoeira para plantio dos roçados, a degradação do solo devido ao impacto do fogo e o baixo tempo de pousio, os materiais disponíveis e conhecimentos gerados para intervir sem o uso do fogo, estimulando estratégias de manejo da matéria orgânica para o plantio e manejo das espécies. O Sistema foi denominado como “Roça da Terra Crua” e vem



sendo acompanhado como um feito histórico e referência para a implantação de novas áreas no TI uma vez que os resultados já podem ser percebidos e tem gerado boas expectativas.



**Figura 02.** Projeto integrador “Roça da terra crua”. Fonte: Arquivo pessoal.

O projeto de criação de frango e galinha caipira foi idealizado a partir da disciplina de Sistemas Agroecológicos de Produção Animal quando foi construído um aviário alternativo com material usado componentes da floresta (palha, bambu, cipó e madeira), onde os estudantes tiveram noções básicas sobre a criação de aves com baixo custo com a alimentação alternativa (capim, leguminosas, folhas, frutas, tubérculos e restos de hortaliças) (Foto 03). O projeto conta com o apoio financeiro do Slow Food e beneficiou três comunidades do Baixo Marau, onde atuam quatro estudantes do curso responsáveis como monitores da criação, que recebeu (cada uma) 50 pintinhos, 01 saco de ração inicial de 40 Kg, 01 bebedouro e 01 comedouro, para o início da criação.

Atividades como estas despertam ainda mais o interesse dos estudantes pelo curso e das comunidades do Baixo Marau, uma vez que nas aulas os discentes estão ampliando seus conhecimentos ao integrar o conhecimento teórico-prático ao conhecimento tradicional.

A visita às famílias é feita pela equipe multiprofissional do IFAM, para verificar os resultados dos estudos e projetos integradores desenvolvidos pelos estudantes durante o tempo comunidade como parte/continuidade dos seus estudos no tempo comunidade.



**Figura 03.** Projeto integrador “Criação de frango e galinha caipira”. Fonte: Arquivo pessoal.

### **Disseminação da experiência**

O estudo da Agroecologia vem fortalecendo para percebermos a importância da preservação do território e a boa gestão dos recursos, que permitirão nossa maior autonomia. Essa é uma luta histórica dos povos tradicionais que vivem em um território específico e possuem seu próprios e distintos modos de vida social e cultural.

O uso de práticas agroecológicas de produção, aliando a diversidade de espécies, a regeneração do solo e o manejo da matéria orgânica, são elementos fundamentais para recuperar a produtividade dos roçados, redefinir estratégias em defesa dos meios e modos de vida e reanimar a prática da agricultura entre o povo *Satere Mawe*.

A metodologia contribuiu para uma educação contextualizada onde o estudante indígena conseguiu receber uma educação que respeite e integre os saberes do seu povo e a preservação da língua e da cultura do povo *Satere-Mawe*.